

## Volver à latinidade

**MÚSICA** Indiana Nomma, nascida em Honduras, filha de pais brasileiros, ganha um inédito destaque na carreira ao regravar o repertório de Mercedes Sosa

POR SÉRGIO MARTINS

**E**m 1980, Mercedes Sosa (1935-2009) apresentou-se na Praça da Revolução Sandinista, em Manágua, capital da Nicarágua. A performance da cantora argentina fazia parte da Campanha Nacional de Alfabetização do governo que havia acabado de suceder ao ditador Anastasio Somoza – deposto no ano anterior. La Negra, como era conhecida a artista, cantou para uma multidão na qual estava Indiana Nomma, nascida em Honduras, filha de pai e mãe brasileiros. Ela tinha 4 anos e assistiu ao show sobre os ombros do pai, o sociólogo baiano Clodomir Santos de Moraes.

Apesar da pouca idade, Indiana foi impactada por hinos libertários como de *Solo le Pido a Dios* – no qual se ouvem os versos *Só peço a Deus/ Que a guerra não me seja indiferente/ É um monstro grande e que pisa forte*. “Nunca esqueci aquela mulher ameríndia de vestido vermelho e voz poderosa, com todas aquelas pessoas juntas tentando acompanhá-la, emocionadas”, diz Indiana, em entrevista por telefone a *CartaCapital*.

Passadas quatro décadas desse show, Indiana, versada em jazz, blues e até no sertanejo (como *backing vocal* de alguns artistas), decidiu homenagear em disco aquela que a inspirou a entrar no universo da música. *Mercedes Sosa: A Voz dos*

*Sem Voz*, lançado sem muito alarde no ano passado, traz dez canções do repertório da artista argentina. No álbum, Indiana é acompanhada pelo marcante violão de André Pinto Siqueira.

Desde então, o boca a boca em torno do disco tem sido grande e, com isso, também os shows baseados nele têm sido vários, e quase sempre cheios, como os realizados no último fim de semana no Sesc Pompeia, em São Paulo. Esse profícuo reencontro entre a cantora e Mercedes Sosa não deixa de ser um reencontro com sua própria história de vida. Seu pai, Clodomir, foi autor do *Dicionário da Reforma Agrária* e era amigo de Paulo Freire. Sua mãe, Célia Lima, era educadora, militante de esquerda e, em 1963, denunciou a tortura em uma CPI.

Foi justamente o posicionamento político que obrigou a família a deixar o País nos tempos da ditadura. Eles viveram em Honduras, México, Portugal, Nicarágua

“Sinto uma conexão imensa com a terra e os povos ameríndios quando canto as canções que La Negra entoava”, diz ela

e até na Alemanha Oriental. “Passei, ao todo, por 30 países”, diz Indiana. “Na infância, a brincadeira era decorar as capitais dos países no mapa e ir a museus e exposições. Minha mãe sempre dizia que era por meio da cultura que se conhecia a história de um país. Aprendi várias línguas, músicas, estilos e, por isso, me adapto facilmente a mudanças.”

O conhecimento musical foi incentivado, em grande parte, pelos pais e irmãos. Seu pai gostava de música clássica, jazz, Luiz Gonzaga e ABBA. A mãe ouvia muito Mercedes Sosa, Violeta Parra, Pablo Milanés e Silvio Rodríguez. Na vitrola dos irmãos, tocava principalmente *disc music* e pop. “Percebi, ao longo da carreira, que essa mesma adaptabilidade e abertura mental para o novo faz com que eu tenha dificuldade em criar raízes e encontrar minha própria identidade cultural”, reflete.

Indiana voltou para o Brasil de forma definitiva em 1987 e, no início da carreira, passou por diversos estilos e criou shows nos quais demonstrou sua versatilidade. No início dos anos 2000, apresentou, em *Cabaret*, um repertório jazzístico que ia de Billie Holiday a Ray Charles, e, em *Do Que Eu Gosto*, misturava MPB, rock e pop, mas destoando das preferidas dos barzinhos. O próprio repertório de